

**IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del
Deporte (ALESDE)
Deportes, prácticas democráticas y sociedad: nuevas encrucijadas y desafíos en las
tramas regionales**

**El karate como elemento de la cultura indígena de Okinawa: reflexiones sobre la
dominación geopolítica**

**Karate como elemento da cultura indígena de Okinawa: reflexões sobre dominação
geopolítica**

Eje 6: El Deporte y su relación con otros temas no incluidos en los ejes anteriores

Autores:

Pucineli, Fabio Augusto

Universidade Estadual Paulista (Unesp Rio Claro), Brasil, fabio.pucineli@unesp.br

Frosi, Tiago Oviedo

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil, t204119@dac.unicamp.br

Oliveira, Marcelo Alberto de

Universidade de São Paulo (USP), Brasil, marcelo.alberto@usp.br

Resumo:

A pesar de ser uma das práticas corporais combativas mais conhecidas no mundo atualmente, alguns aspectos do karate permanecem pouco compreendidos e investigados. Este estudo tem como objetivo investigar e discutir elementos da história do karate que permitem compreender disputas de poder e relações de dominação geopolítica no Leste Asiático. Assim, buscamos explorar e compreender como ocorre a divulgação ou a invisibilização da identidade *uchinanchu* (okinawana) e de suas práticas corporais, tais como o Karate, na esteira das históricas relações diplomáticas que envolveu a Prefeitura de Okinawa (antigo Reino de *Ryukyu*), China, Japão e Estados Unidos. Para este fim, realizamos uma pesquisa qualitativa baseada nos pressupostos da História Cultural, tendo como fontes artigos, livros, estudos acadêmicos, documentos, além de artefatos e outros materiais expostos no *Karate Kaikan* (museu do Karate em Okinawa). Este estudo identifica um jogo geopolítico complexo que se traduz em duas forças ou vetores, a saber: uma interna e outra externa. A primeira refere-se a um tensionamento local de luta pela autonomia e reconhecimento da identidade de Okinawa, valendo-se do Karate neste conflito. A segunda caracteriza-se por tensionamentos estrangeiros que promovem invisibilização da cultura indígena e estimulam uma espécie de uniformização e niponização da população de Okinawa, bem como de suas práticas.

Palavras-chave: Karate-História-Esporte-Japão-Okinawa.

Introdução

Investigar a história do karate em Okinawa pode nos ajudar a compreender diversos fenômenos, na medida em que algumas disputas estariam em jogo ao longo da história dessa prática. Ao examinarmos o passado do karate, não raro, percebemos diversas tensões geopolíticas que revelam dominantes e dominados no Leste Asiático. Neste contexto, destaca-se a invisibilização da identidade *uchinanchu* (ou okinawana) e de suas práticas corporais, como o karate. A colonização de Okinawa pelo Japão e a imposição de sua cultura e idioma são elementos plausíveis de investigação, uma vez que, não raro, fenômenos históricos ligados a marcadores sociais, injustiça social e marginalização cultural são emergidos.

Posto isto, este estudo que é classificado como uma pesquisa qualitativa, na qual se baseia no arcabouço teórico da História Cultural, assim como em estudos acadêmicos (artigos, livros, etc.) e registros do Museu do Karate em Okinawa (*Karate Kaikan*), visa examinar aspectos históricos ligados ao karate *uchinanchu* que revelam disputas de poder e dominação geopolítica no Leste Asiático. Especificamente, buscamos entender como a identidade *uchinanchu* e suas práticas corporais, como o karate, são promovidas ou obscurecidas.

Para tanto, esta pesquisa está dividida em duas seções, a saber: “Identidade e colonialismo em Okinawa”, o que revela alguns dos tensionamentos históricos; e a seção “O karate *uchinanchu*: ontem e hoje”, trazendo uma discussão comparativa entre o karate okinawano e o esportivo. Por fim, após essas seções, são apresentadas as considerações finais.

Identidade e colonialismo em Okinawa

Apesar de ser uma das práticas corporais combativas mais conhecidas no mundo atualmente, alguns aspectos do karate permanecem pouco compreendidos e investigados. O objetivo desta pesquisa é explorar uma dessas questões, a saber, elementos da história do karate em Okinawa (Japão), que permitem compreender disputas de poder e relações de dominação geopolítica no Leste Asiático. Para tal, discutiremos um tema importante, mas muitas vezes negligenciado, a invisibilização da história do karate a partir de certos discursos reducionistas.

Por um lado, temos aqueles que remetem a origem da arte marcial okinawana meramente a uma reinvenção da arte marcial chinesa no arquipélago *Ryūkyū*, ignorando de forma muito infeliz toda a tradição guerreira e naval reiterada pelos estudos de diversos autores. Além disso, a invisibilização não cessa no povo duplamente colonizado, já que Okinawa sofreu fortes imposições e sanções, tanto do Império japonês quanto dos Estados Unidos.

Okinawa é o atual nome da principal ilha do arquipélago conhecido como *Ryūkyū*, que até 1879 era um reino independente, mas que foi colonizado pelo Japão, o que implicou em diversas transformações, inclusive sendo obrigada a adotar o idioma japonês. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi palco da única, e brutal, batalha terrestre em solo nipônico. A partir de então, o local vive sob a presença de bases militares estadunidenses, o que acompanha um dilema: aceitar ou não a continuidade dessas instalações, que já causaram diversos problemas para a população civil.

A desmilitarização poderia acontecer caso fosse reconhecida a presença de população indígena em Okinawa (artigo 30 – Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas). A Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece os povos de *Ryūkyū* como indígenas desde 2008. Porém, muitas vezes, Okinawa é tratada como mero objeto: um depósito de bases militares com a desculpa de que supostamente estaria localizada num local estratégico para defesa; um paraíso turístico, onde as pessoas são receptivas e corteses; ou mesmo como um simples tema de diversas pesquisas acadêmicas. Ou seja, a efetiva realidade viva de sua cultura e espiritualidade são diversas vezes totalmente desprezados (Quast, 2023).

Desde que o Grande Império Japonês começou a expandir seus territórios coloniais no Leste Asiático e no Pacífico no final do século XIX, a modernização econômica e política, concomitantemente com a japonização deliberada, passou a engolir suas colônias. O povo de Okinawa foi privado de seu autogoverno, teve sua cultura negada e foi forçado a se assimilar às práticas japonesas (Chibana, 2012, p. 6).

De acordo com a problematização aqui oferecida, essa situação criou localmente uma divisão que marca todo o período do final do século XIX até os desfechos da Segunda Guerra Mundial. Observamos na Okinawa desse tempo a presença de movimentos pró Japão (semelhantes aos que ocorreram em Taiwan) e como produto dessas tensões o estabelecimento dos Partidos da Iluminação e da Restauração (Kadokaru, 2021).

Os Partidários da Iluminação buscavam defender a assimilação de Okinawa ao Império Japonês. Nutriam um sentimento de que as ilhas passariam por um necessário

processo de modernização e integração à nova realidade geopolítica. Por outro lado, os Partidários da Restauração defendiam que Okinawa deveria seguir sua relação de vassalagem ou pelo menos maior dependência socioeconômica com a China, como vinha acontecendo em períodos anteriores. Aquele que é considerado o “pai do karate moderno”, Gichin Funakoshi (1999), menciona que ainda no século XIX um de seus mestres, Yasatsune Asato, via com desaprovação o discurso do Partido da Restauração e que Okinawa deveria aderir o quanto antes ao estado de membro do Império Japonês.

A partir da Reforma Meiji (1868-1912), marco da modernização japonesa, é que o Rei de *Ryūkyū* precisa se submeter ao imperador japonês e a divisão entre os Partidários da Restauração e Iluminação se acirra. Há mesmo movimentos de revisionismo com a produção de falsos registros históricos tentando reinventar *Ryūkyū* em uma das formas de cultura arcaica do Japão (Cramer, 2018), e que poderiam assim passar de forma legítima pela modernização que o restante do Japão passava.

Uchina, a ilha principal passa a ser denominada “Okinawa”, em 1879; o idioma oficial imposto é o japonês, em detrimento da diversidade linguística que havia e que passam a ser consideradas dialetos; costumes são reformulados, já que eram tidos como não suficientemente civilizados. Há toda uma tecnologia política dos corpos, que deveriam passar por uma higienização para se adequar ao Estado-Nação que o próprio Japão vinha se tornando (Pucineli, 2017).

Como estratégia dessa modernização, o esporte era a prática corporal que mais se adequava às exigências de um novo modelo de corpo que se almejava para a população: civilizado, competitivo e obediente às normas estabelecidas. Assim, o Japão não somente importou práticas esportivas, como o *baseball*, por exemplo, mas também investiu na reconfiguração das suas próprias (Rusak, 2009). Foi então promovida uma grande negociação identitária, alterando o modo de praticar *judō*, *kendō* e as demais formas de artes marciais japonesas, chamadas de *budō*, seguindo o discurso de função educativa e acesso das práticas para todos a partir da modernidade japonesa (Ratti; Westbrook, 2006). Essas alterações alcançaram a partir dos anos 1920 o próprio karate, objeto de estudos desta pesquisa.

O karate *uchinanchu*: ontem e hoje

Segundo Pucineli (2017), no karate praticado na contemporaneidade, encontram-se fortes indícios que no decorrer de sua modernização, foram atribuídas a ele características e subjetividades ocidentais, especialmente no que diz respeito à competitividade. No entanto, é

possível, ao mesmo tempo, também sentir em Okinawa uma espécie de resistência ou até mesmo desprezo por certos aspectos modernos. Não é uma preocupação predominante se tornar mais forte, rápido ou resistente por meio de exercícios ginásticos, por exemplo, para fins esportivos. Isso existe entre os praticantes do chamado “karate esportivo”, enquanto muitas vezes é alvo de críticas ferrenhas por praticantes do autoproclamado karate “tradicional”. O karate *uchinanchu* (termo utilizado como adjetivo pátrio para se referir a tudo que pertencia a *Uchinaa*) parece nos levar a outras possibilidades.

É importante salientar que o karate não foi necessariamente unificado, longe disso. Existem atualmente manifestações esportivas do karate, com vultosos torneios pelo mundo, inclusive realizando sua estreia como modalidade olímpica nos Jogos de *Tokyo* 2020/21. Trata-se de um karate que inicialmente, durante o século XX, fora forjado sob uma lógica de oferta e demanda (Oliveira; Feijó, 2023), cujos parâmetros de treinamento, quase equiparados a um modelo fordista de produção em larga escala, com exercícios rítmicos e repetitivos em linha reta e a abordagem prática, mais se assemelhavam aos treinamentos militares (Bowman, 2010). Neste contexto, com os processos de institucionalização e esportivização, esses modelos foram sendo trocados por outros mais modernos com vistas a atender aos anseios do movimento olímpico contemporâneo (Oliveira *et al.* 2018).

As maiores diferenças entre as formas de karate está em como o corpo é treinado e condicionado a expressar-se. O atleta que pratica o karate esportivo, via de regra, vai buscar valer-se do treinamento atlético moderno e buscar nos regulamentos das entidades esportivas elementos que o leve a focar em determinadas estratégias para chegar à performance e resultados competitivos. Nessa dinâmica, não há distinção para com a maioria das outras modalidades esportivas. Já o karate *uchinanchu* tem seus fundamentos internos que são marcados por fortes características culturais, que não estão presentes nos esportes de combate.

Said (1990) sustenta que o Ocidente tem uma extensa tradição de retratar o Oriente como exótico, subalterno e dócil – esta representação orientalista foi usada para legitimar o colonialismo e a exploração do Oriente pelo Ocidente. No contexto de Okinawa, o Orientalismo pode ser problematizado ao examinar como a ilha foi percebida e tratada pelo Japão ao longo dos anos, à luz da discussão sobre a noção do “outro”. Em outras palavras, o Ocidente construiu sua identidade ao se opor a um “outro” orientalizado. Okinawa, com sua cultura e história distintas, pode ser considerada esse “outro” em relação ao Japão, ou mesmo ao mundo ocidental.

A problemática apontada por Said (1990) nos auxilia a compreender também a dinâmica de poder. No caso de Okinawa, esse processo foi evidente, por exemplo, na anexação da ilha pelo Japão, em 1879. Neste cenário, o Oriente não é um monólito passivo, mas sim um local de resistência ao Orientalismo. Os *uchinanchus* têm uma longa trajetória de resistência à assimilação japonesa, e sua cultura continua a prosperar apesar das pressões do governo japonês e da questão da base militar estadunidense.

O karate *uchinanchu* é um grande “produto” local que exerce uma dinâmica única ao atrair estrangeiros para o arquipélago. Não se trata apenas de considerar o alcance do karate *uchinanchu* no mundo, mas principalmente de percebê-lo como uma expressão cultural que mobiliza uma grande quantidade de pessoas a visitar Okinawa ano após ano. O que muitas vezes é conhecido como karate Tradicional de Okinawa é uma expressão e afirmação do que é ser okinawano e seu magnetismo atrai atenções de fora do arquipélago (Santos, 2021).

Considerações finais

Para concluir, à medida que o karate *uchinanchu* se torna mais popular, seja por meio de praticantes que viajam pessoalmente para conhecer a região ou por curiosos interessados na história da origem do karate, as feridas de Okinawa vão sendo expostas. Conhecer Okinawa é ao mesmo tempo se impressionar com seu passado, especialmente associado às injustiças sociais maculadas em sua história.

Portanto, que há elementos suficientes para o karate ser caracterizado como uma prática corporal combativa típica do povo *uchinanchu*. Mesmo nos dias atuais – após os inevitáveis processos de modernização, esportivização e espetacularização – muitas manifestações posicionadas dentro do universo da cultura *uchinanchu* resistem. Nesses grupos, encontramos ecos de um passado que revela a manutenção de práticas e representações dos povos indígenas do arquipélago *Ryūkyū* que merecem respeito e reconhecimento, para o fortalecimento e a preservação de suas tradições.

Assim, este estudo identificou um jogo geopolítico complexo envolvendo duas forças principais. Uma força interna entendida por uma luta local pela autonomia e reconhecimento da identidade de Okinawa, utilizando o karate como símbolo de resistência cultural. Por fim, uma força externa compreendida como pressões estrangeiras que visam obscurecer a cultura indígena e promover a assimilação da população de Okinawa e de suas práticas à cultura japonesa.

Referências bibliográficas

- Chibana, M. (2012) *(Re)-Discovering Okinawan Indigeneity: Articulation and activism*. University of Hawai. Master of Arts of Political Degree. Manoa.
- Cramer, M. (2018). *The history of Karate and the masters who made it: development, lineages, and philosophies of traditional okinawan and japanese Karate-do*. Berkeley: Blue Snake Books.
- Funakoshi, G. (1999). *Karatê-Do Nyūmon: Texto Introdotório do Mestre*. São Paulo: Cultrix.
- Kadekaru, T. (2021). Karate After the 1897 Disposition of Ryukyu. *In: Koyama, M; Wada, K; Kadekaru, T. Karate Its History and Practice*. Tokyo: Nippon Budokan. 492p.
- Oliveira, M A; Feijó, G O. (2023). Entre a emoção e o espetáculo: o karate esportivo brasileiro. *Revista da ALESDE*, v. 15, n. 1.
- Oliveira M A; Frosi T O; Sonoda-Nunes R J S; Pimenta T F F; Reis-Júnior CAB/ Amstel N A. (2018) De “maõs vazias” a “mãos com luvas”: Uma análise sociológica sobre o Karate e os Jogos Olímpicos. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2(1): 324-342.
- Pucineli, F A. (2017). *Modernização do Karate: Gichin Funakoshi e as Tecnologias Políticas do Corpo*. 2017. 102 p. f. - Universidade Estadual Paulista, UNESP, [s. l.].
- Pucineli, F A; Martins, C J. (2023). Ao sol, faixa branca; sob a lua, faixa preta: estudo comparativo entre duas possibilidades do Karate em Okinawa. *Revista Mosaico*, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 208–217, Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/3813>.
- Quast, A. (2023). *Visiting gods: incidents related to shima society*. Incidents related to Shima society. Portal Ryukyu Bugei. Disponível em: <https://ryukyu-bugei.com/?p=10767>. Acesso em: 10 jul 2023.
- Ratti, O.; Westbrook, A. (2006). *Segredos dos Samurais: as artes marciais do Japão feudal*. São Paulo: Madras.
- Rusak, D. (2009). Karate, Baseball and Politics: Hybridity and the Martial Arts in Modern Japan. *Undergraduate Journal of Anthropology*. v.1, p. 63-71.
- Said, E W. (1990). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos, G O B. (2021). *O karatê entre o Japão e Okinawa: as disputas na construção e afirmação da identidade okinawana por meio do karatê*. 134 f. - Universidade Federal de Goiás, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11134>.